ça uma amplitude em seu desenvolvimento, fazendo com que a criança experimentando se torne mais segura.

Nós educadores temos que estarmos atentos a esse olhar, preparando os espaços de forma agradável, com os brinquedos disponibilizados de forma que a criança possa alcança-los o, brinquedos esses que muitas vezes não precisam ser estruturados, mas desperte o interesse das crianças.

Sempre com olhar atento ao resgate de brincadeiras, resgatando a nossa cultura, apresentando a eles para que possam experimentar de forma divertida desenvolvendo várias linguagem e experiências.

Na Educação Infantil a brincadeira não deve ser vista como apenas recreação, e sim como fundamental na aprendizagem na formação como ser humano.

Enfim, desenvolve o indivíduo como um todo, sendo assim, a educação infantil deve considerar o lúdico como parceiro e utilizá-lo amplamente para atuar no desenvolvimento e na aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei no 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). O jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 4 Ed. São Paulo: Cortez, 2011

. LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia cientifica.

5 Ed. São Paulo: Altas, 2009. BRASIL

Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n° 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CRAIDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gladis Elise P.da Silva. Educação Infantil: pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

LOPES, Maria da Glória. Jogos na educação: criar, fazer, jogar. 6 Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

. MALUF, Atividades lúdicas para a Educação Infantil: conceitos, orientações e práticas. 2. Ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2009 (b).

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. 4. Ed. São Paulo: Scipione, 1997.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. 6ª ed. São Paulo, SP. Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

CONTOS E HISTÓRIAS: UMA RELAÇÃO PARA ALÉM DO SENSO COMUM

CRISTIANA ALVES PEREIRA

RESUMO

Contar histórias é muito mais que um simples ato de distração ou entretenimento, essa ação requer métodos e locais que sejam propícios a educação e desenvolvimento. Não podemos ver os contos ou histórias como elementos simplórios, ambos representam portas de entrada no desenvolvimento e formação crítica das crianças, a partir deles inúmeras inquietações se mostram, de modo que fatores éticos afloram. Isso requer então, parcimônia e atenção, o zelo pelo aprendizado é demonstrado de forma significativa na contação de contos e histórias. Buscamos

aqui também desenvolver um diálogo com outras áreas como a psicanálise de modo a fazermos compreender que os contos perpassam outros meandros de vital importância no processo educativo. Dessa maneira o ato de se contar histórias potencializa as possibilidades de ação e interação entre a criança e o meio no qual ela vive, ali ela interagem e compreende as ações e limites morais que em alguns casos hão de ter significado na construção da sua vida social.

PALAVRAS-CHAVE: Histórias; Desenvolvimento; Educação; Sociedade; Interação.

ABSTRACT

Storytelling is much more than a simple act of distraction or entertainment, this action requires methods and places that are conducive to education and development. We cannot see tales or stories as simple elements, both represent entry points in the development and critical formation of children, from which countless concerns are shown, so that ethical factors arise. This then requires parsimony and attention, the zeal for learning is demonstrated in a significant way in the telling of tales and stories. We also seek here to develop a dialogue with other areas such as psychoanalysis in order to make us understand that the stories permeate other intricacies of vital importance in the educational process. In this way, the act of telling stories enhances the possibilities of action and interaction between the child and the environment in which he lives, there he interacts and understands the actions and moral limits that in some cases will have meaning in the construction of his social life .

KEYWORDS: Stories; Development; Education; Society; Interaction.

INTRODUÇÃO

Através das histórias temos início a interação tanto de pais e filhos, quanto das crianças com o mundo que as cerca. Ganhar sua confiança representa uma oportunidade para contar sobre coisas cotidianas da forma como elas as percebem o que também acontecerá sobre situações difíceis que estão vivendo, possibilitando orientação e apoio. Embora alguns pais não acreditem através da leitura de histórias, os filhos podem aprender sobre a história da vida humana, sobre a preservação da vida animal e meio ambiente, letras, cores, números, palavras em outros idiomas, etc. longe de um clima enfadonho.

Os ambientes anos quais as histórias hão de se desenvolver requer cuidado na sua escolha, a ausência de ruídos externos é fundamental na concentração para que a abstração possa se desenvolver nos alunos, a imaginação não pode ser afetada por elementos externos, isso comprometeria o trabalho do educador.

As situações expostas nas histórias representam uma forma simplificada da vida promovendo diálogos e questões éticas num recorte específico que demonstra as iniciações às vivências. Ao apresentar uma história ou conto à uma criança estamos promovendo possibilidades de novas formas de observar e se posicionar criticamente ao mundo que a cerca, dessa forma traduz veementemente situações próximas num sentido de afeição e emoção podendo dessa forma se posicionar diante dos estímulos do meio.

No presente trabalho buscaremos por meio da pesquisa bibliográfica delinear as instâncias pelas quais perpassam o uni-

verso das histórias infantis como fulcro nas habilidades adquiridas na infância construindo um universo que se apresenta frente às experiências de vida de acordo com as interações sociais. Valeremos-nos em nosso intento de autores para fundamentação do presente artigo como elemento central para estabelecer as ideias aqui expostas. Portanto, esperamos que nossa contribuição possa ter frondosa aceitação perante o meio acadêmico, não como um conhecimento pronto e acabado, mas como contributo ao constructo intelectual acessível e passível de futuras revisões.

AMBIENTE PARA CONTAR HISTÓRIAS: O IDEAL A ABSTRAÇÃO

Para que a hora de contar uma história seja um momento muito esperado para as crianças e que elas tenham os efeitos positivos que mencionamos anteriormente, devemos levar em conta alguns aspectos. A escolha um lugar que seja confortável e luminoso o suficiente para ler é indispensável para que o momento de ler seja mágico, um ritual que esperam com entusiasmo e prazer.

"A vida é com freqüência desconcertante para a criança, ela necessita mais ainda que lhe seja dada a oportunidade de entender a si própria nesse mundo complexo com o qual deve aprender a lidar. Para que possa fazê-lo, precisa que a ajudem a dar um sentido coerente ao seu turbilhão de sentimentos. Necessita de idéias sobre como colocar ordem na sua casa interior, e com base nisso poder criar ordem na sua vida". (BETTELHEIM, 1980. p.13).

É necessário entusiasmo para atrair a atenção da criança, e assim entender a história e receber a mensagem, quando a criança pede para voltar, deve-se fazê-lo com a mesma emoção, especialmente com crianças muito pequenas. É importante repetir as diferentes cenas da história várias vezes tentando usar as mesmas palavras, permitir que, conforme a história é contada, a criança possa ver as ilustrações.

Durante a leitura, é primordial observar as reações e os movimentos da criança e, se necessário, fazer uma pausa quantas vezes forem necessárias para ouvir suas perguntas ou para verificar se ele está compreendendo a história. Deixar a criança participar o máximo possível, tanto ao escolher a história para ler (você pode dar muitas sugestões de escolha, sobre seus interesses ou preocupações), quanto no momento das interrupções para os questionamentos. Quando a criança está cansada, forçar a continuar torna-se um impeditivo para o bom andamento, pois não representará mais uma atividade gratificante para ela.

Às vezes alternar, umas horas ler histórias e outras escutá-las, isso além de diferenciar as visões sobre o fenômeno coloca a importância no auge da criança que ora escuta e ora narra, isso criará uma corrente afetiva e grande cumplicidade entre as partes envolvidas. Desenhar alguns dos personagens ou cenas da história que eles leram ou ouviram no dia anterior pode representar um importante recurso pedagógico. Os traços que podem parecer rabiscos trazem consigo grandes mensagens, já que serão expressos os medos, expectativas e interesses que movem o imaginário das crianças. Outra maneira de conhecer sua reação à história é fazer perguntas à criança relacionadas à história, como, por exemplo, se você gostou, quem você pensou, quem estava na história, etc.

Para começar no mundo das histórias,

também são sugeridos contos e histórias relacionados às tradições e ao folclore, bem como os contos de fada. Eles têm a função de afugentar pesadelos e medos noturnos. A criança adquire confiança em si mesma quando verifica que o protagonista conseguiu derrotar o lobo ou a bruxa. As histórias que começam com a frase tradicional “Era uma vez” têm uma grande força evocativa. Eles têm o poder de introduzir a criança em um mundo diferente. Livros com imagens, vinhetas ou pictogramas provocam na criança o desejo de começar a ler e os contos folclóricos que tratam de temas e costumes da nossa sociedade ajudam a criança a conhecer as tradições ancestrais.

Pode-se começar com histórias ilustradas, escolher narrativas que digam histórias simples e claras sobre a ideia e a linguagem usada, a ação deve ser linear e não muito longa, já que a capacidade de atenção não é desenvolvida em fase inicial. As histórias apropriadas envolvem personagens fantásticos, objetos estranhos que falam e se movem, países maravilhosos ou cidades encantadas, personagens e situações que possam se assemelhar ao real. Protagonistas que são crianças podem servir como elemento de identificação. Esta é uma boa oportunidade para introduzir valores morais nas narrativas, justamente graças a essa identificação (TELES, 2014).

De acordo com as fases de desenvolvimento, os livros de aventura e os detetives incluídos os animam, esses tipos de histórias são muito úteis para trabalhar certos valores (empatia, solidariedade, amor, respeito, etc.). O misterioso e desconhecido fascina-os. Recomenda-se romances realistas que tratam de temas como primeiro amor, conflitos pessoais; romances que refletem realidades de seu ambiente social e que podem ser usados para continuar trabalhando e reforçando valores.

É verdade que a maioria dos pais e os problemas de trabalho não têm muito tempo para nossos filhos, e a única coisa que se busca em grande parte no final do dia é ir para casa e descansar, Contudo, deixe-me dizer-lhe que existem outras maneiras que também podem nos ajudar a relaxar, como ler para nossos filhos. Recupere os hábitos de gerações passadas e conte histórias para seus filhos. Era uma vez, estas três palavras podem não representar um poder mágico para os adultos, mas para as crianças tem o poder de nos transportar na imaginação, numa adição temporal, espaço (em um país distante) e maravilhoso. A abertura do conto é, antes de tudo, a abertura para todas as possibilidades. Mas o que, no conto, age e torna possível pensar, sonhar, brincar? O que faz dele uma ferramenta terapêutica?

Uma das primeiras virtudes do conto é que, de uma forma maravilhosa, trata das questões fundamentais do homem. É dirigido a todos nós, ao grupo quanto ao indivíduo e, claro, à criança. Ele também intervém mais e mais em diferentes formas de terapia. Sua linguagem tem a familiaridade da narrativa oral. É para ser dito e não lido. Ele preserva e transmite a experiência humana e nos fala sobre nascimento e morte, homem e mulher, riqueza e pobreza, inveja e rivalidade, aprendendo sobre a vida, o mistério das origens ...

CONTOS E AS PERSPECTIVAS PSICOLÓGICAS

Ao simplificar situações da vida, o conto permite algum acesso a processos primários inconscientes. As imagens que ele

aborda abrem um caminho não catastrófico para o retorno daquilo que fora reprimido. O conto contribui para essa redução do limiar defensivo inconsciente ao abordar o sintoma desvirtuando as histórias. Oferece a criança a possibilidade de encontrar situações emocionais próximas às suas, mas em outro objeto. A história é, em si mesma, mediadora da vida psíquica, o conto é a representação e a narrativa de formações e processos da realidade psíquica, seu material é o sonho, a fantasia, o romance familiar, a representação de mecanismos de defesa psicóticos e neuróticos, os conflitos ligados a seu advento dá a diferença entre os sexos, na passagem desde o nascimento, à infância, adolescência e idade adulta, pode servi de referencial preparatório para as fases de maior ruptura da vida, a morte dos pais. Essa frase recapitula boa parte dos trilhos que tornam o interesse do conto revelador e mediador da vida psíquica.

"Os contos de fadas é terapêutico porque o paciente encontra sua própria solução através da contemplação do que a história parece implicar acerca de seus conflitos internos neste momento da vida. O conto de fadas claramente não se refere ao mundo exterior, mas aos processos interiores que ocorrem num indivíduo" (BETTELHEIM, 980. p, 123).

Parece que a primeira virtude terapêutica do conto é atuar no pré-consciente, ponte entre o inconsciente e a consciência, permitindo que o assunto para pensar e para simbolizar. O trabalho do conto permite uma reabertura da atividade e figurabilidade pré-consciente. Autoriza a criança a investir seus processos mentais pré-conscientes. Através da história a criança aprende a dominar o que existe fora dele antes de internalizar uma atividade de fantasia que irá fundamentar nele um lugar onde as palavras e as coisas serão capazes de se conectar. Em todas as crianças, mas especialmente naqueles cujo mundo interior não é suficientemente estruturado, sofrendo dificuldades e significativas simbolizações, contar histórias pode mediar um processo de restauração de sua curiosidade, um reinvestimento de seus processos mentais. O conto dá à criança a oportunidade de pensar e sonhar com o que acontece com ele, encontrar respostas imaginativas para as perguntas que ele faz sobre suas origens e seu futuro.

O conto também desperta a figurabilidade na criança, conduzindo a experiência desorganizada, difícil de representá-la em relação a seus objetos reais, ao maravilhoso universo da representação. Derrotar a aflição da não-representação parece-nos ser uma das grandes virtudes do conto. O conto é uma expressão da imaginação humana, da capacidade de criação, de representação.

A narração de histórias, especialmente no contexto de uma oficina que a emprega, cria um espaço de transição, intermediário entre a realidade interna e a realidade externa percebida por duas pessoas em comum. O conto – joga com palavras, e com sentidos – se encaixa neste espaço, assim como o jogo criador da vida. Este espaço permite que a criança faça uma distinção clara, esta área intermediária de experiência permanecerá ao longo da vida como modo de experimentação interna que caracteriza as artes, a religião, a vida imaginária, etc.

A história contribui para a criação deste espaço de transição difícil de implementar para algumas crianças. As virtudes terapêuticas do conto de fadas também provêm do

fato de que a criança encontra suas próprias soluções, e nisso meditando sobre o que a história conta sobre si mesmo e sobre seus conflitos internos num momento particular de sua vida. O efeito terapêutico está na reconstrução na imaginação e não na transposição, isso pois, em primeiro lugar por causa da distância que ele tira da realidade cotidiana que o conto nos permite ouvir o que de outra forma permanece nas sombras. A história tem, além disso, uma função de contêiner. No qual por sua estrutura, transmite um reservatório, uma matriz contendo, isto uma função autêntica que peneira a violência. O conto transforma os elementos destrutivos em traços organizadores e funciona como um dispositivo para os pensamentos, ele transforma os impalpáveis, porque são destrutivos, em representações figuráveis e toleráveis.

O conto é um recipiente da possibilidade de pensar, um envelope psíquico, ao significado. Bem escolhido, com a sua abertura e encerramento, o trabalho de posição da criança e do contador de histórias na relação ouvinte e narrador, a narrativa pacto é uma ferramenta maravilhosa para conter na função de professor. No contexto da contação de histórias, a função de conter a situação do grupo também intervém. O conto funcionará como uma espécie de narrativa de um sonho comum, cada um desenvolverá certas linhas associativas, e o grupo encontrará uma primeira narrativa unificadora. O grupo permite que as crianças experimentem o pensamento com os outros e compartilhem algo através de seu envolvimento comum na história e nas particularidades do envolvimento de cada um. O poder dos contos de fadas só pode ser entendido se do mesmo modo for compartilhado e as crianças entre eles são cúmplices.

INTERAÇOES: OS CONTOS NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

A oralidade inerente ao conto possibilita manter contato através dos olhos com os membros do grupo, compartilhar uma dimensão emocional e corporal mais forte ao impor a escrita a crianças em dificuldade. É indispensável para o trabalho a possibilidade da criança sonhar acordada e de fazer associações. É também a história quem permite o estabelecimento do pacto entre o narrador e seu público, contrato tácito entre quem quer contar e quem quer escutar. Através do pacto narrativo, a história oferece um prazer comum à criança que escuta e ao adulto que está dizendo. Neste espaço de prazer, espaço transicional, a criança será capaz de imaginar, isto é, de simbolizar. Este prazer está presente nas narrativas – tenham as especificidades que tiverem – um prazer em que a história preenche tanto a perda da mãe e do mundo e desempenha o papel de organizador secundário do espaço do corpo ameaçado dentro de seus limites no momento de adormecer.

“O ato de ler traz, portanto, benefícios aos leitores e, consequentemente, à sociedade, pois contribui para o desenvolvimento intelectual, aumentando a capacidade crítica e compreensiva, a aprendizagem, o desenvolvimento da linguagem, bem como ajuda a estabelecer um conceito global do mundo”. (PERES, 2010, p.6).

O contador de histórias retorna, através do conto, com uma liberdade infantil que é negada em outro lugar e espaço. Enquanto a criança brinca de fantasia, escreve o adulto pode muito bem desfrutar da alegria da criança, do mesmo modo, enquanto a criança exulta, porque ele entende melhor, agora, algo que acontece nela, o prazer do contador

de histórias pode nascer ou crescer dessa súbita percepção de que a criança está vivendo.

Além de sua função ilimitada, a história nos parece ser capaz de desempenhar um papel central da maternidade, no sentido de que a maternidade, explica-nos. Não é a maternidade, mas apenas a sua realização simbólica assim a verbalização, no e através do conto, das ansiedades e desejos da criança. Esta maternidade restabelece o para-raios defeituoso em algumas crianças. Uma oficina de contos é baseada em um apoio duplo. Apoio do conto sobre a maternidade (da palavra sobre a ação, do significado sobre o corpo vivido), apoio do cuidado sobre o dispositivo institucional – a escola. Permite assim um trabalho de restauração.

O nicho que guarda o sonho reconstrói o que guarda o psíquico, o sonho retira o que a vida desfez do eu da pele e a história também tece um pouco o que a vida retirou. Nos contos existe a necessidade do acolhimento, da possibilidade em ter tempo para sonhar. Sonho em comum, a história não é estranha ao sonho. Como o sonho, a história nos dá acesso a outras cenas e cenários. A fórmula nos introduz a outra cena psíquica a partir do "Era uma Vez". Seu material fantástico pode ser tratado como o conteúdo manifesto do sonho porque ali se encontram os mesmos mecanismos de elaboração, condensação, figuração e deslocamento.

Mas a história não é apenas um sonho, até mesmo acordada. É mais elaborado do ponto de vista narrativo do que o sonho. É construído para ser facilmente memorizado, enquanto o sonho nos escapa, é esquecido. Pelo contrário, ela evoca a capacidade materna do devaneio, permitindo o acesso da criança ao pensamento, ou o tempo a zona do sono em que o conto preenche tanto a perda de entes queridos como do mundo e desempenha o papel de organizador secundário do espaço corporal ameaçado dentro dos seus limites neste momento.

CONTOS DE FADAS EM RELAÇÃO AS FUNÇÕES PSICOLÓGICAS

Freud estava muito interessado nas histórias, que aparecem em todo o seu trabalho, e ele se inclinou sobre seu simbolismo (Chapeuzinho vermelho e o lobo, por exemplo). Grande parte dos contos, deriva dos sonhos. Os contos de fadas podem vir de experiências contadas e recontadas. Além disso, a narrativa, como o sonho prossegue por oposição ou contraste, é lógico, tem significado manifestos e latentes, símbolos de utilização, interpreta e estende o conceito de realidade é uma forma de expressão dramatizada, contém elementos sexuais e culturais, exprime desejos, é humorística e utiliza mecanismos de deslocamento, avaliação e supervalorização. A magia "dos contos mantém todo o seu lugar na imaginação das crianças.

"A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas a de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza. Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês." (CORSO;CORSO, 2006. p,14)

Essa mágica permanece no poder das histórias, nas quais nossas interpretações possíveis e pessoais são inscritas. De fato, é esse poder que nos permite fazer a dupla jornada entre o mundo exterior e o mundo interior, entre o real e o imaginário.

Na perspectiva dos contos de fadas de um ponto de vista teórico e clínico, Jung atribui grande importância, pois nessas histórias pode-se estudar melhor a anatomia comparativa da psique. Mitos e lendas ajudam a encontrar modelos básicos da psique e do material cultural. Há material cultural consciente menos específico nos contos que são a mais pura e simples expressão de processos coletivos inconscientes, os contos descrevem nossos complexos primários, mas também a maneira pela qual aprendemos a nos comportar no relacionamento com eles. A história pode representar uma maneira de pensar, imaginar e experimentar uma “animalização”, a descrição do lobo feita por a Chapeuzinho vermelho está bem e sugestivo e é limitado a cabeça do animal. É tão erótico, entregando o corpo da criança a um contato animal, que por sua vez anima a criança. Portanto, não é apenas a avó que é um lobo fantasiado, mas a própria menina, durante esses minutos tensos, torna-se algo fora de sincronia com a família e a distinção homem e anima. É pelo seu conteúdo, seus mecanismos e a subjetividade com a qual reagimos a ele que o conto de fadas chega mais perto do sonho. Como no sonho, as ações dos personagens do conto, lutando com seus conflitos, buscam uma saída para seu desejo ou necessidade. Cada personagem constitui um polo de identificação possível ou impossível. O personagem possui três funções: as de identificação, transformação e intermediário. Mais precisamente, vincula processos primários e secundários, transforma fantasias inconscientes em narrativas estruturadas e atua como um intermediário entre o corpo e o meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa é uma forma de comunicação que constitui o ser humano no qual as experiências individuais são organizadas e comunicadas de maneira significativa. É feita intencionalmente e está associado a diferentes aspectos do entretenimento através da informação ou instrução sobre os princípios éticos e morais do ouvinte. Contar histórias é como a arte, vai além da narração cotidiana. Ela vive do contato direto entre contadores de histórias e ouvintes fisicamente presentes, criando ao longo do processo um interim no qual somente a vibração da palavra falada, as expressões e gestos do narrador na coexistência de contadores de histórias e ouvintes mundos imaginários faciais eloquentes em que as questões básicas da existência humana são percebidas em gestos e emoções ímpares.

Buscamos aqui desenvolver uma breve reflexão sobre as possibilidades que os contos tradicionais e as narrativas populares podem proporcionar às crianças em fase de desenvolvimento. As contribuições cedidas por essas histórias fantásticas vão para muito além das visões basilares de um senso comum castrador, pois trazem consigo prerrogativas importantes dos campos cognitivos, afetivos e sociais.

Nas culturas não escritas, a narração é um meio para lembrar eventos passados (de significância nacional ou mundial) e sua estilização artificial, assim como para assegurar a identidade nacional. Com um roteiro heroico, esses substratos foram fixados e, assim, preservados do esquecimento. Hoje,